

Os vírus que coexistem no Brasil¹

Julia LOURENÇO²
Tamires B. CONTI³

Resumo

Neste breve texto refletimos sobre as diversas crises que sofre o mundo atualmente, as quais foram exacerbadas pela pandemia do coronavírus. Empreendemos essa reflexão dando foco especialmente no contexto brasileiro, no qual Bolsonaro se torna o "vírus político" na imbricação entre o campo médico e o campo político.

Palavras-chave: campo discursivo, crise sanitária, coronavírus, Bolsonaro.

Abstract

In this brief text we reflect on the various crises that the world is currently experiencing, which have been exacerbated by the coronavirus pandemic. We undertake this reflection focusing especially on Brazilian context, in which Bolsonaro becomes a "political virus" in the overlap between the medical field and the political field.

Keywords: discursive field, health crisis, coronavirus, Bolsonaro.

Introdução

Entre as diversas crises que sofre o mundo atualmente – crise ambiental, crise econômica, crise tecnológica, crise social, crise educacional, crise política etc. –, a crise mais profunda, segundo o sociólogo Manuel Castells (2018), é a crise de representatividade, “esta que tem consequências devastadoras sobre a incapacidade de lidar com as múltiplas crises que envenenam nossas vidas, a ruptura da relação entre governantes e governados” (CASTELLS, 2018, p. 13). Assim, a percepção da

¹ A Live que deu origem a este texto foi realizada em 30/09/2020 em formato de mesa-redonda.. A Live pode ser acessada tanto no Facebook do LEEDiM-UFSCar - <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/> quanto no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=mypS3EoBxs8&t=1485s>.

² Pós-doutoranda na Universidade Federal de São Carlos e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (UFSCar – FAPESP 2017/12792-0). E-mail: juliajlc@gmail.com

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (UFSCar – FAPESP 2018/05275-1). E-mail: tamy_bonani@hotmail.com

incapacidade dos governos atuais em lidar com as diversas crises apontadas provoca uma desconfiança profunda nos cidadãos, deslegitimando as instituições partícipes de uma democracia liberal-burguesa.

Nesse sentido, a crise sanitária que vivemos atualmente intensifica a incapacidade de variados governos em lidar com tamanha complexidade. Dentre os mais incapazes, sem dúvida, podemos citar o governo brasileiro, sob a liderança de Jair Bolsonaro, que vem sendo reiteradamente retratado na mídia nacional e internacional como o pior líder a gerenciar a crise do coronavírus⁴.

O Brasil, que tem uma democracia jovem, vive, desde 2013, pelo menos, uma forte intensificação da crise política com polarizações de diversas ordens, a qual ficou ainda mais acentuada com a chegada da Covid-19, em 2020. Nesse contexto, trataremos brevemente sobre a imbricação discursiva que ocorre no Brasil entre dois campos: o campo discursivo político e o campo discursivo médico, argumentando, em formato de ensaio, sobre os processos e as implicações de uma mescla desses campos. Considerando que a questão de pesquisa é que determina a maneira como os *corpora* serão montados e frequentados, faz-se importante pontuar sobre as unidades básicas com as quais trabalham os analistas do discurso, sendo elas: formação discursiva, gênero de discurso e posicionamento.

Entretanto, na grande maioria das vezes, a articulação dessas unidades – e mesmo sua compatibilidade – não são explicitadas pelos analistas. No intuito de melhor compreender tais unidades, Dominique Maingueneau (2007) propõe pensá-las em dois grandes grupos: Unidades Tópicas e Unidades Não Tópicas. Das primeiras fazem parte as Unidades Territoriais e as Unidades Transversas, das segundas fazem parte as Formações Discursivas e os Percursos. Das Unidades Territoriais, por sua vez, fazem parte os tipos e os gêneros de discurso, subdivididos em gêneros de campo e gêneros de aparelho, e das Unidades Transversas fazem parte os registros: linguísticos, funcionais e comunicacionais. Assim, este texto tem como base teórico-metodológica as Unidades Não Tópicas, mais especificamente, não as formações discursivas, mas a noção de percurso.

⁴ Consultar, por exemplo: <https://veja.abril.com.br/mundo/washington-post-bolsonaro-e-pior-lider-mundial-a-lidar-com-coronavirus/>; <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,washington-post-diz-que-bolsonaro-e-o-pior-lider-global-a-lidar-com-o-coronavirus,70003271003>; <https://congressoemfoco.uol.com.br/midia/bolsonaro-e-apontado-como-o-pior-gestor-da-pandemia-no-mundo-saiba-por-que/>. Acesso: 15/11/2020.

Para adentrarmos nas Unidades Não Tópicas, consideramos necessário, antes, falarmos mais amplamente sobre campo (discursivo). De acordo com o *Dicionário de Análise do discurso*, “o conceito de campo é empregado por muitas disciplinas das ciências humanas e sociais. Ele designa as situações ou lugares empíricos onde o pesquisador vai coletar os dados” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 90), como o campo sociológico, o campo filosófico, o jurídico etc.

Notas sobre campo discursivo

A noção de campo discursivo é proposta por Maingueneau (2008), juntamente com outras que acabam lhe complementando e concorrendo para seu entendimento, como a de universo discursivo e a de espaço discursivo. Desse modo, o universo discursivo é definido pelo conjunto de formações que se relacionam numa conjuntura determinada, é “[...] um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35). O universo discursivo é a ampla rede interdiscursiva⁵ em que certo discurso é produzido.

O campo discursivo, contido no universo discursivo, é apreendido nas relações mais próximas entre as formações discursivas⁶ que, ao entrar em contato, delimitam-se reciprocamente. Passa-se da totalidade inapreensível para as diversas micro-totalidades que comportam ainda vários subconjuntos de formações.

Maingueneau (2008) afirma que um campo discursivo é um “conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 34). O autor continua declarando que “‘concorrência’ deve ser entendida da mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto, quanto a aliança, a neutralidade aparente etc.”. (*Ibidem*). Já o espaço discursivo, delimitado pelo analista de acordo com os critérios considerados relevantes para sua pesquisa, é definido pelo confronto entre duas formações discursivas, apreensíveis e delimitadas, que entram em contato por meio de alguma identidade sócio-historicamente construída.

⁵ Diferentemente de Pêcheux e Courtine, para Maingueneau, “é necessário afinar este termo muito vago [de interdiscurso] para nosso propósito e substituí-lo por uma tríade: *universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo*” (MAINGUENEAU, 1987, p. 11 27). Para uma discussão mais detalhada sobre as ditas incongruências entre as obras dos autores citados nesta nota, conferir POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. *Anais do 5o Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003 (140-148).

⁶ Segundo Maingueneau, “formação discursiva não define somente **um universo de sentido próprio**, ela define igualmente seu modo de coexistência **com os outros discursos**” (2005, p. 110, grifo nosso). Ainda de acordo com o autor, “A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 103).

Dessa forma, para pensar como a relação entre esses dois campos é estabelecida no interior da crise do coronavírus no Brasil, apresentaremos brevemente alguns títulos de notícias e reportagens que circularam na imprensa *online* brasileira no ano de 2020 e início de 2021. Nestes, é possível observar como a relação política entre Bolsonaro e o coronavírus foi sendo desenhada pela mídia e, ainda mais, como essa relação foi sendo intensificada até atingir a mescla.

A seguir, apresentamos os recortes na Figura 1:

- do lado esquerdo, os títulos que estabelecem Bolsonaro enquanto sujeito da ação (enunciados de 1 a 6), marcados pelo emprego dos verbos *ignorar*, *estimular*, *participar*, *debochar*, *sabotar*, *ironizar*, *comemorar* etc.;
- do lado direito (enunciados de 7 a 13), enunciados nos quais o presidente brasileiro passa a ser um sujeito de estado, demarcado pelo verbo *ser*. A escala é estabelecida no grau máximo quando Bolsonaro passa a ser o próprio vírus – e até mesmo pior que ele (marcadamente, nos enunciados 10, 11, 12 e 13):

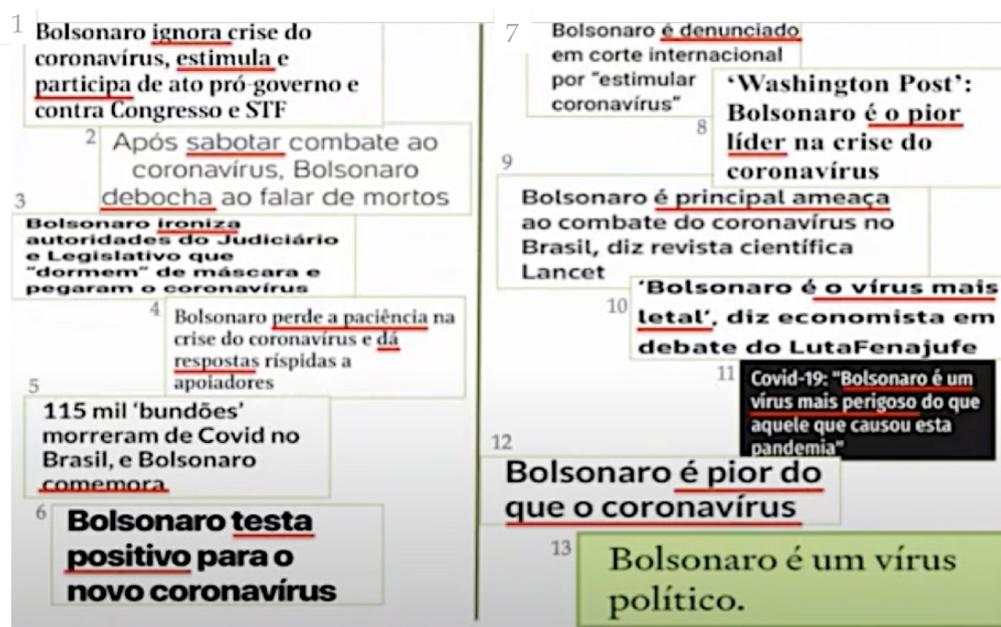


Figura 1 – Títulos de notícias e reportagens⁷.

Nesta brevíssima apresentação de um percurso acerca da leitura midiática sobre Bolsonaro e a crise pandêmica brasileira, não nos centraremos no conceito de formação discursiva, mas compreendemos que ela delimita o modo como a realidade e o referente

⁷ As referências dos títulos estão na Webgrafia apresentada no final deste texto.

são nomeados e significados. Apreendemos, portanto, os lexemas “vírus” e “político”, que formam o enunciado principal considerado – “Bolsonaro é um vírus político” – para refletir sobre como esses campos se delimitam reciprocamente em contexto brasileiro.

De um lado, no campo discursivo médico, as produções discursivas, neste momento de pandemia, estão concentradas nos laboratórios para desenvolver a vacina, nos hospitais, para aprimorar o cuidado com os doentes, no processo de conscientização sobre as práticas que contêm a propagação do vírus etc., isto é, todos esses debates são concretizados com os temas e figuras específicos que circulam neste campo, mobilizando os debates e as ações teóricas e práticas dos atores nele envolvidos.

De outro, no campo político, estiveram no centro dos debates deste campo a postura negacionista de Bolsonaro, como um ator de grande peso neste campo, perante a crise sanitária mundial, a falta de planejamento efetivo, tanto para conter o vírus quanto para amparar os cidadãos em situação de vulnerabilidade, o enfraquecimento das políticas de manutenção de empregos, o atraso e a inaptidão nas negociações de produtos (como seringas, bombas de oxigênio e materiais de proteção hospitalar, dentre outros) etc.

Notas sobre a mescla de campos

Quando o jornalista Homero Fonseca enuncia “Bolsonaro é um vírus político”, as duas temáticas, que já se delimitam reciprocamente juntamente com outros campos no universo discursivo, são incorporadas num mesmo lexema⁸. No trecho a seguir, extraído da reportagem na qual o enunciado foi formulado, podemos observar a imbricação entre o vírus e a ideologia do presidente, entre o campo médico e o campo político:

Aí apareceu o **coronavírus**, o vírus comunista vindo da China, com seus terríveis impactos sanitários e econômicos. A **visão ideológica do presidente** levou-o a alinhar-se entre os que minimizaram o perigo da gripezinha e priorizasse o funcionamento a todo custo do mercado, custasse o que custasse em vidas humanas. Nesse momento, assomou seu fanatismo, sua ignorância e seu absoluto despreparo para o cargo. Ficou claro que a situação estava se tornando insustentável (FONSECA, 2020, § 2, grifo nosso).

Dessa maneira, os enunciados apresentados na Figura 1 não se apresentam necessariamente numa linearidade cronológica, mas seguem a escala que propomos, caminhando desde um discurso mais do campo político até se mesclarem com outro

⁸ "O lexema não é, por conseguinte, nem uma unidade delimitável do nível dos signos, nem uma unidade do plano do conteúdo propriamente dito. Enquanto configuração que reúne, de modo mais ou menos acidental, diferentes semas, o lexema apresenta-se antes, como o produto da história ou do uso, do que como o da estrutura" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 283).

mais do campo médico. O enunciado 13, o que mais nos interessa, “Bolsonaro é um vírus político”, concretiza essa imbricação dos campos citados.

“Bolsonaro é um vírus político” está no grau máximo da escala de imbricação de campos, ou, dizendo de outro modo, é a materialidade linguística que evidencia uma materialidade histórica como ponto de encontro entre esses dois campos. Neste sentido, a crise que vivemos no Brasil é, portanto, marcada por dois vírus que coexistem no momento atual: o vírus Sars-CoV-2 (a Covid-19) e Bolsonaro, mais especificamente o bolsonarismo que define determinada visão de mundo, a qual, conforme Rubens Casara, é formada “de ideias grotescas, racistas, homofóbicas e sexistas, que admira Ustra e Hitler e que retorna às piores origens do Brasil, reforçando preconceitos e a desigualdade social” (CASARA, 2020, p. 122).

No Brasil, o coronavírus se encontra com o vírus Bolsonaro. No país, o vírus do bolsonarismo já estava incubado, disseminado e na atual quadra histórica encontra terreno ainda mais fértil para se propagar com a crise sanitária que se desencadeia. Depois de tantos “e daí?”⁹, até mesmo o coronavírus fica estupefato. Nossa crise é mais profunda e o remédio é mais politicamente doloroso e demorado, como aponta a jornalista Eliane Brum:

há dois acontecimentos simultâneos e conectados no Brasil, o que o torna diferente de outros países do mundo nesta pandemia. Um é a covid-19, que aqui atingiu proporções de catástrofe, tornando o Brasil um dos países mais afetados do mundo. O outro é a ação deliberada de Jair Bolsonaro e de pessoas, militares e civis, que ocupam cargos no seu Governo para, por um lado, deixar a covid-19 avançar e matar, por outro ampliar as condições para que ela mate mais (BRUM, 2020, § 11).

O texto do jornalista Homero Fonseca, que foi o estímulo para a escrita deste ensaio, é acompanhado de uma charge assinada por Renato Aroeira. Ela encarna, no discurso visual, a diluição das fronteiras entre o discurso médico e o discurso político no gerenciamento das diversas crises que vivemos no Brasil, como tentamos apontar.

Notas sobre o discurso visual: os vírus do Brasil

Em charges, Bolsonaro já foi representado como esgoto, cobra, fezes, cão raivoso, diabo e agora é um vírus, que se espalha cada vez mais pelo Brasil¹⁰. A cabeça de Bolsonaro, lugar onde habita o pensamento – no caso do presidente e da comunidade

⁹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52478242>

¹⁰ Apontamos para os dados apresentados pelo Ibope sobre avaliação do governo Bolsonaro: “Ótimo/bom: 35%; Regular: 30%; Ruim/péssimo: 33%; Não sabe/não respondeu: 2%”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/12/16/governo-bolsonaro-tem-aprovacao-de-35percent-e-reprovacao-de-33percent-diz-pesquisa-ibope.ghtml>. Acesso: 20/12/2020.

da qual participa, um pensamento retrógrado e hostil –, ocupa as extremidades do vírus, que se multiplica e é propagado. Observemos a seguir:

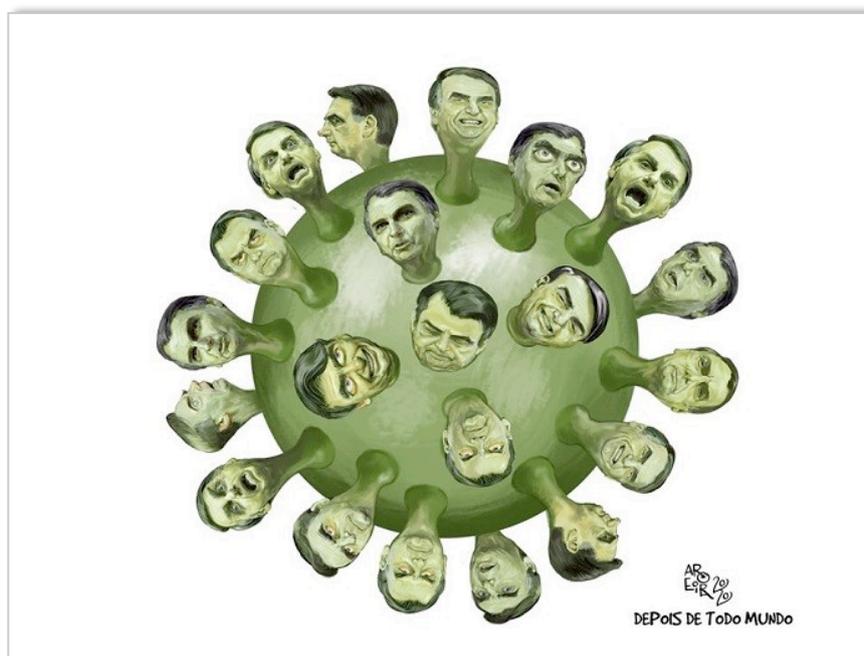


Figura 2 – Charge de Renato Aroeira.

Nessas cabeças de Bolsonaro, ele ri, grita, debocha, é indiferente, argumenta, está enraivecido... mas, em nenhuma delas ele é apresentado visualmente concretizando preocupação ou angústia, sentimentos que estamos vivenciando diariamente e intensamente em meio aos dois vírus desta pandemia brasileira.

Se "Bolsonaro é um vírus político" está no grau máximo da escala de imbricação dos campos midiáticos e médicos, o título da matéria de Carlos José Marques, de 22 de janeiro de 2021¹¹, corrobora essa afirmação. Em “Entre a ignorância e a ciência”, o jornalista, ancorado em uma imagem/montagem que compara o Governo Federal com o Governo do Estado de São Paulo, reúne falas e dados do presidente brasileiro em posições negacionistas com relação à ciência e, mais especificamente, com relação à vacina contra a Covid-19, negociada na China pelo governador paulista.

Na imagem que acompanha o texto do jornalista, apresentada a seguir, podemos ver uma foto que circulou irrestritamente, sobretudo nas redes sociais, tendo sido alvo de inúmeras montagens e memes. Esta foi a cena em que Bolsonaro, na tentativa de fazer uma espécie de propaganda ridícula da Cloroquina, exhibe a caixa do medicamento

¹¹ Apesar de ser um dado que não tratamos no dia da Live, julgamos importante apresentá-lo aqui para corroborar os apontamentos anteriormente expostos, além de atualizá-los.

a uma Ema, no Palácio da Alvorada¹². A cena, motivo de vergonha e indignação a quem sofre os mais variados tipos de resquícios deixados por essas crises que citamos no início deste texto (sejam emocionais, financeiros, sociais etc.), corrobora o pensamento negacionista e antivacina, uma vez que incontáveis foram as vezes em que o presidente, ao defender¹³ o uso da hidroxicloroquina, criou no cidadão a falsa sensação de cura e/ou tratamento da Covid-19. Além disso, cabe pontuar as diversas vezes em que Bolsonaro questionou a eficácia da vacina CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac, em parceria com o Instituto Butantan, e aprovada pela Anvisa, enquanto continuava a indicar impiedosamente a Cloroquina¹⁴.



(Crédito: Adriano Machado/ALEX SILVA)

Figura 3 – Imagens/ Montagens representando o Governo Federal (à esquerda) e o Governo Estadual-SP (à direita).

Ao lado dessa trágica imagem anteriormente descrita, está o governador do Estado de São Paulo, João Dória, na aplicação da primeira vacina do estado e, mais amplamente, do Brasil. Apesar de muitos pontos entre os dois governos citados serem congruentes, aqui se destaca o ápice do posicionamento negacionista e antivacina¹⁵ de

¹² <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/23/bolsonaro-exibe-caixa-de-cloroquina-para-emas-no-palacio-da-alvorada.htm>

¹³ <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/08/24/bolsonaro-cita-infecoes-em-ministros-e-volta-a-defender-hidroxicloroquina>;
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna_politica,872688/nao-recomenda-6-vezes-que-bolsonaro-defendeu-uso-da-cloroquina.shtml

¹⁴ https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/10/21/interna_politica,1196816/bolsonaro-defende-comprovacao-cientifica-vacina-nao-para-cloroquina.shtml

¹⁵ <https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2020/11/10/governo-de-sp-teme-que-suspensao-da-coronavac-pela-anvisa-faca-parte-de-guerra-politica-de-bolsonaro-contra-doria.ghtml>

Bolsonaro, inclusive se comparado a outros governos ditos de direita e alinhados ao governo federal em muitas pautas.

Sem muito nos estender neste ponto, ressaltamos o episódio em que Bolsonaro comemorou, em uma de suas redes sociais, a morte de um dos voluntários vacinados pela CoronaVac. Com o título “‘Mais uma que Jair Bolsonaro ganha’, diz presidente sobre suspensão de testes da CoronaVac”¹⁶, o jornalista Guilherme Mazui divulga a publicação feita pelo presidente: “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. Nela o presidente afirma que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”. No entanto, horas depois, o boletim de ocorrência indicava que a causa da morte do voluntário era suicídio. Ainda assim, o pânico e o medo causado pela notícia falsa (*fake news*) já haviam se instaurado juntamente, e uma vez mais, com o negacionismo.

Notas de fim

Essas e outras variadas e frequentes situações foram pautas para os pedidos de impeachment de Bolsonaro¹⁷ que, por meio de diversas acrobacias políticas, insiste em manter-se na presidência¹⁸. Nesse sentido, entendemos que é possível pensar as relações entre os campos discursivos político e médico, que foram estabelecidas no interior da crise sanitária do novo coronavírus no Brasil, também como possibilidade de ressaltar o caráter disfórico da figura do presidente brasileiro. Assim, por meio do breve percurso que traçamos neste texto, sobretudo com base nos títulos e imagens de circularam na mídia *online* brasileira, apesar de não exaustivamente, pudemos descrever e interpretar, com base na materialidade linguística, como a relação política entre Bolsonaro e o coronavírus foi sendo desenhada pela mídia e, ainda mais, como essa relação foi sendo intensificada até atingir a mescla dos campos político e médico: Bolsonaro é, afinal, uma espécie de vírus.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Os usos da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

¹⁶ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-o-presidente-ao-comentar-suspensao-de-testes-da-vacina-coronavac.ghtml>

¹⁷ <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>

¹⁸ <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2021/02/02/eleicao-de-lira-afasta-impeachment-mas-obriga-bolsonaro-a-dividir-o-poder.htm>

BRUM, Eliane. **Os humanos que o vírus descobriu no Brasil**. El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-09-16/os-humanos-que-o-virus-descobriu-no-brasil.html>. Acesso: 20/09/2020.

CASARA, Rubens. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura a crise da democracia neoliberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FIORIN, José L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2004.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage II**. Paris: Hachette, 1986.

HAROCHE, Claudine; Henry, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. **Langages** 24, Larousse, Paris, 1971.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes-Editora da Unicamp, 1987.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Citação e destacabilidade. In: _____. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições, 2007.

MAINGUENEAU, D.; CHARAUDEAU, P. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. **Anais do 5o Encontro do Celsul**. Curitiba-PR, 2003, pp. 140-148.

Webgrafia

1. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/bolsonaro-deixa-isolamento-do-coronavirus-e-de-carro-participa-de-ato-pro-governo-na-esplanada.shtml>
2. <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/04/28/apos-sabotar-combate-ao-coronavirus-bolsonaro-debocha-ao-falar-de-mortos.htm>
3. <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/09/24/bolsonaro-ironiza-autoridades-do-judiciario-e-legislativo-que-dormem-de-mascara-e-pegaram-o-coronavirus.htm>
4. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-perde-a-paciencia-na-crise-do-coronavirus-e-da-respostas-rispidas-a-apoiadores.shtml>
5. <https://istoe.com.br/115-mil-bundoes-morreram-de-covid-no-brasil-e-bolsonaro-comemora/>

6. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/07/jair-bolsonaro-testa-positivo-para-covid-19.htm>
7. <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-e-denunciado-em-corte-internacional-por-estimular-coronavirus/>
8. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,washington-post-diz-que-bolsonaro-e-o-pior-lider-global-a-lidar-com-o-coronavirus,70003271003>
9. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/bolsonaro-e-a-maior-ameaca-ao-combate-a-covid-19-no-brasil-diz-revista-inglesa-lancet.shtml>
10. <https://www.sintrajud.org.br/bolsonaro-e-o-virus-mais-letal-diz-economista-em-debate-do-lutafenajufe/>
11. <https://radiocomercial.iol.pt/noticias/100488/covid-19-bolsonaro-e-um-virus-mais-perigoso-do-que-aquele-que-causou-esta-pandemia>
12. <https://istoe.com.br/bolsonaro-e-pior-do-que-o-coronavirus/>
13. <https://jornalggn.com.br/artigos/bolsonaro-e-um-virus-politico-por-homero-fonseca/>

Como referenciar este artigo:

LOURENÇO, Julia; CONTI, Tamires B. Os vírus que coexistem no Brasil. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.35, Dossiê *Discurso em tempos de pandemia*. dezembro/2020, p. 186-196.